



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

NILSON MILAS CHUCRE DE SOUZA

CORPOS “INFAMES”: entre o controle normativo e a transgressão artística teatral

BELÉM-PA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

NILSON MILAS CHUCRE DE SOUZA

CORPOS “INFAMES”: entre o controle normativo e a transgressão artística teatral

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará para a obtenção do grau de Licenciado em Teatro,.

Orientadora: Profa. Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva.

BELÉM

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S729c Souza, Nilson Milas Chucre de
 Corpos “INFAMES”: entre o controle normativo e a transgressão
 artística teatral / Nilson Milas Chucre de Souza.

 Orientadora: Profa. Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
 de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura
 em Teatro, Belém, 2021.

 1. Teatro – Processo de criação. 2. Arte narrativa. 3. Dramaturgia. 4.
 Corpo como suporte da arte. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.1

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 51 / 2021 - ICA (11.31)

Nº do Protocolo: 23073.007207/2021-90

Belém-PA, 09 de março de 2021.

ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 07 dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte, às 20h (vinte horas), reuniu-se via Google Meet, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof.^a Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva (Orientadora e Presidente de Banca), Prof.^a Dr.^a Patrícia Mara Pinheiro (Avaliadora Interna), Prof. Me. Claudio Cristiano Chaves das Mercês (Avaliador Interno) e Prof.^a Ma. Rosilene da Conceição Cordeiro (Avaliadora Externa), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno **NILSON MTLAS CHUCRE DE SOUZA**, intitulado: "Corpos "infames": entre o controle normativo e a transgressão artística teatral".

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: O trabalho foi aprovado com conceito Excelente com as seguintes observações: Correções gramaticais e normativas, em conformidade com a ABNT. Inserção de autores amazônicos que abordem sagrado, religiosidade, espiritualidade. E após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 7 de outubro de 2020.

Prof.^a Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva - Orientadora e Presidente de Banca

Prof.^a Dr.^a Patrícia Mara de Miranda Pinheiro - Avaliadora Interna

Prof. Me. Claudio Cristiano Chaves das Mercês - Avaliador Interno

Prof.^a Ma. Rosilene da Conceição Cordeiro - Avaliadora Externa

(Assinado digitalmente em 09/03/2021 18:28)
CLAUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: 3178291

(Assinado digitalmente em 10/03/2021 23:09)
CLAUDIO CRISTIANO CHAVES DAS MERCES
PROFESSOR DAS BÁSICO TECNOLÓGICO
ICA (11.31)
Matrícula: 1727152

(Assinado digitalmente em 09/03/2021 17:33)
PATRICIA MARA DE MIRANDA PINHEIRO
DISCENTE
Matrícula: 200800051332

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **51**, ano: **2021**,
tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **09/03/2021** e o código de
verificação: **581dd279e5**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: 

Nilson Milas Chucre de Souza

Local e Data: Belém, 11 de março de 2021.

Dedico esta obra à minha mãe Ana Chucre e ao meu filho Victor Chucre, meus amores incondicionais que me inspiram todos os dias. Ao meu amado irmão, cúmplice e parceiro de toda a minha vida, Nonato Chucre. Também aos irmãos e sobrinhos que me incentivaram a não parar.

À energia que rege o universo, despida de uma face imposta por homens, que é a força que me faz vencer barreiras e ver as cicatrizes com outros olhos, que liberta o corpo e alma para novas experiências neste plano. Dedico aos “infames” excluídos do direito de viver por não se encaixarem em padrões impostos por uma sociedade adoecida e aprisionada por uma falsa ideia de “normatividade”.

AGRADECIMENTOS

O meu muito obrigado vai para o Victor Chucre que sempre me puxou para frente e me dava força quando eu pensava em desistir, é muito por ele que estou aqui. Mas, jamais posso esquecer as pessoas que me sustentaram, apoiaram e conduziram até aqui: meu amado mestre e amigo Cláudio Didimano e minha linda e amada professora e mestra Cláudia Gomes, sem esses dois eu teria ficado no meio do caminho e não teria visto esta obra nascer. Cláudia me resgatou e acreditou na minha escrita e junto comigo fez os “infames” ganharem voz e corpo.

Também é com muito amor e carinho que agradeço aos amigos Rafael Cunha e Fernando Sarmento, que juntos abraçaram o desafio de dar vida aos “corpos infames”.

Uma lista gigantesca de agradecimentos apareceria aqui, porém algumas pessoas foram imprescindíveis nesse processo. As amigas que me aturam e fazem rir, e não me deixam desistir nunca: Giselle Julieta, Lia Bastos, Tatiana Mendes e Walda Valente, cada uma no seu jeito de ver a vida e de me fazer acreditar em dias melhores.

Os amigos: Aldo Pontes e Márcio Mutran, pela força e carinho que sempre me deram durante nossa jornada neste plano.

Não posso esquecer minha sobrinha amada, Ana Luisa Chucre, pelo amor e carinho. Minha fonte de “desestresse”, com seus incontáveis “Eu te amo”.

"Se o homem é feito à imagem de Deus, então Deus tem um corpo. Talvez até seja um corpo, ou o corpo eminente dentre todos. O corpo do pensamento dos corpos". (NANCY, 2012, p. 48)

“Criou Deus o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou”, Gênesis 1:27. (BÍBLIA, 2017)

RESUMO

“Corpos ‘Infames’: entre o controle normativo e a transgressão artística teatral” é a junção de dois momentos muito importantes para a minha história, onde reúno elementos, sinais e cicatrizes de uma vida que foi bombardeada pela normatividade social e dogmas religiosos que permearam minha infância e adolescência e, até hoje, refletem na minha vida adulta como artista e educador. A relação com o corpo está em todos os pontos desta escrita. Um corpo, inicialmente, preparado para adorar e servir, porém, por conta de uma libertação moral, toma um rumo diferente. A vida foi o principal palco para que este corpo se moldasse e desabrochasse para sentimentos e desejos que lhe foram represados na comunidade cristã. As cicatrizes de escolhas e ações foram aparecendo no meio dessa trajetória, em cada momento que a vida tentava responder às suas inquietações. Um pai que controlava a ação “cristã” de cada filho, uma doutrina que afastava o corpo e a mente dos seus desejos particulares, e até mesmos as descobertas sexuais fizeram brotar feridas de culpa, vergonha e medo durante o período que ainda frequentava a igreja. Com o tempo, este corpo descobre na arte a libertação e o caminho para expurgar esses medos; na literatura, no cinema, na música e no teatro via a vida passar pela frente dos meus olhos e identificava, encontrava histórias como a minha, os conflitos e as dores parecidos, corpos que lutavam para sobreviver aos maus-tratos dessa normatividade cotidiana opressora, corpos “infames” como o meu. Assim, as cicatrizes de um Corpo Infame passam a fazer parte dessa narrativa, onde o elemento escrito e encenando ilustram muitas vidas, não apenas a minha.

Palavras-chave: Infâmia. Normatividade. Cicatriz. Corpo. Repressão. Transgressão.

RESUMEN

“Cuerpos ‘Infames’: entre el control normativo y la transgresión artística teatral” es la unión de dos momentos muy importantes para mi historia, donde reúno elementos, signos y cicatrices de una vida que fue bombardeada por la normatividad social y dogmas religiosos que impregnaron mi infancia y adolescencia y, hasta hoy, reflejan en mi vida adulta como artista y educador. La relación con el cuerpo está en todos los puntos de esta escritura. Un cuerpo, inicialmente, preparado para adorar y servir, sin embargo, por cuenta de una liberación moral, toma un rumbo diferente. La vida fue el principal escenario para que este cuerpo se moldeara y floreciera para sentimientos y deseos que le fueron represaliados en la comunidad cristiana. Las cicatrices de elecciones y acciones fueron apareciendo en medio de esa trayectoria, en cada momento que la vida intentaba responder a sus inquietudes. Un padre que controlaba la acción “cristiana” de cada hijo, una doctrina que alejaba el cuerpo y la mente de sus deseos particulares, e incluso los descubrimientos sexuales hicieron brotar heridas de culpa, vergüenza y miedo durante el período que aún frecuentaba la iglesia. Con el tiempo, este cuerpo (yo) descubre en el arte la liberación y el camino para purgar esos miedos; en la literatura, en el cine, en la música y en el teatro veía pasar la vida por delante de mis ojos e identificaba, encontraba historias como la mía, los conflictos y los dolores parecidos, cuerpos que luchaban para sobrevivir a los malos tratos de esa normatividad cotidiana opresora, cuerpos “infames” como el mío. Así, las cicatrices de un Cuerpo Infame pasan a formar parte de esa narrativa, donde el elemento escrito y escenificando ilustran muchas vidas, no solo la mía.

Palabras clave: Infamia. Normatividad. Cicatriz. Cuerpo. Represión. Transgresión.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Performance “Cicatrizes”. Teatro Cláudio Barradas.....	30
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A PRIMEIRA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME – PELA FÉ UMA CRIANÇA FOI SALVA.....	19
3 A SEGUNDA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME - “ESCONDE-ESCONDE”	22
4 A TERCEIRA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME - DEUS ESTÁ NO AMOR.....	28
5 OS RESULTADOS EM CENA.....	30
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO A – FOTOS ÚLTIMO DIA DE ENSAIO DA PERFORMANCE “CORPOS INFAMES”	39

1 INTRODUÇÃO

Cicatriz: marca ou tecido fibroso formado pela cicatrização de uma lesão, corte, etc. **Cicatrizar:** curar-se pela formação de cicatriz. **Infame:** que ou aquele que é marcado por infâmia, que está desonrado, desacreditado; que ou aquele que é vil, desprezível, baixo. **Corpo:** estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal), englobando suas funções fisiológicas; na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros.

Eu tenho três cicatrizes bem visíveis no meu corpo. Ganhei a primeira delas ainda na minha infância, em uma brincadeira com meus irmãos. A segunda foi no início da adolescência, quase como uma automutilação. A terceira foi no final da adolescência, em um procedimento cirúrgico para a retirada de um cisto sebáceo.

As marcas estão aqui, visíveis, e podem até servir como forma de identificação, caso necessário. Tirando a terceira, que se localiza no lado direito das minhas costas, as outras duas eu visualizo sempre, estão na minha coxa esquerda e juntas parecem um par de olhos que me observam sempre que estou despido. Eu até gosto delas! Mas, como falar delas? Cada uma tem uma historinha, nada de anormal, na primeira levei uma surra por brincar com o que não devia, e a segunda escondi o máximo que pude. Gosto de uma definição que diz que: cicatriz é desvanecer, fazer passar (lembança ou impressão de um mal). Não lembro onde li isso, porém, para mim, é uma grande verdade. Existem cicatrizes tão profundas e traumáticas que ficam como uma lembrança viva e te fazem retornar ao momento em que ela surgiu.

Logo no início da Licenciatura, percebi que ia deparar-me com as minhas cicatrizes visíveis, e as mais escondidas, e muito, as cicatrizes da alma. O corpo de um homem de mais de quarenta anos tem muito o que mostrar e o que contar. Foi nesse corpo, adormecido para o teatro na década de 90, que vivi as mais loucas histórias, as mais loucas transformações. A Licenciatura veio despertar o que estava adormecido ou simplesmente havia escondido.

O teatro entrou na minha vida sem eu nem mesmo saber. Foi na igreja evangélica, onde minha família congregava-se, que eu comecei a dar os primeiros passos nas “pecinhas” das datas comemorativas como: dia das mães, dia dos pais, natal, entre outras. Era um momento muito emocionante para mim, às vezes cansativo, por conta dos ensaios, decorar textos. Nunca fui muito bom de decorar texto, mas era necessário. Na maioria das vezes recebia um papel de destaque, ou estava no meio das cenas mais importantes. As festas de natal exigiam as “peças” mais elaboradas, algumas com cenários, ou como diziam, “decoração”, e alguns objetos de cena. Assim o meu tempo na igreja ia passando e a arte de interpretar era sazonal.

Com o tempo fui percebendo a necessidade de melhorar a minha interpretação, então vieram os cursos livres de teatro na Casa da Linguagem, onde eu tive o contato com as técnicas corporais, aquecimento e preparação para a cena. A liberdade que a arte me dava, começava a guiar-me para novos caminhos.

“Navio Negreiro” foi um dos textos que mais gostei de fazer nessa época, usávamos o espaço da Casa da Linguagem como cenário, janelas e salas davam toque especial para a ambientação cênica. Depois, ainda participei de algumas oficinas, porém como a arte não estava nos planos dos meus pais, conseguir dinheiro para ir todos os dias para a Casa da Linguagem foi ficando difícil, logo veio o ensino médio e o foco foi mudando e o teatro foi ficando de lado.

Mas quem sou eu? De onde eu venho? Essas perguntas eu respondi no primeiro dia de aula da Licenciatura, na disciplina “Trajetórias de Si”, e elas nunca tiveram um efeito tão forte sobre a minha pessoa como naquele momento. 2014, 40 anos, recomeçando uma trajetória interrompida lá no passado. Fui convidado a revisitar minhas memórias, a remexê-las e, assim, “redescobrir” algumas marcas, amores, família, religião, sexo livre, sexo reprimido, sexo com homem, sexo com vários homens. Meu corpo é meu templo, sempre pensei assim, nele não permito entrar quem eu não queira e nele está minha essência, se é boa ou ruim eu não sei. Só sei que o desejo que brotou de dentro de mim foi o motivo de várias rupturas e muitas aproximações. Da época em que a “igreja” ditava as regras da minha vida, à época em que minha vida deixou de ser a regra. Do encontro com músicas e livros que falavam do que eu sentia, que me mostravam que eu não era o único que estava sendo marcado por “verdades” que o homem acreditava serem absolutas: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Madonna, em uma de suas canções fala o seguinte: “Um homem pode contar mil mentiras/ Eu aprendi bem a lição/ Espero viver para contar o segredo que aprendi/ Até então ele arderá dentro de mim” (1986). As minhas cicatrizes remetem, justamente a isso, às mentiras dos homens e aos segredos que me afligiam. Como contar isso? Como ilustrar? Como levar para cena e para o meu desenvolvimento como licenciado, a bagagem que carrego em meu corpo e em minha memória?

Não posso dizer que os meus caminhos foram traçados apenas por querer ir em um sentido contrário à vida religiosa que eu levava. O fato é que tudo estava dentro de mim. A luta na verdade era minha, a religião apenas fomentava mais o medo e a vergonha, que com o tempo eu aprendi a vencer. A família também é fator importante no processo, não ficaram à margem, contribuíram de alguma forma para o que eu sou hoje. Relatar alguns episódios põe à prova o meu grau de desprendimento com os preconceitos da vida, com o julgamento do outro. É com um espírito solto que pretendo fazer o resgate das minhas histórias, revisitar alguns

lugares, reencontrar “pessoas”, trazê-las para o dia de hoje nas formas desenhadas por meu corpo, na escrita e na cena.

O jogo com as cicatrizes apareceu no penúltimo semestre, na disciplina ministrada pelo professor Paulo Santana, “dramaturgia do ator”, onde ele nos desafiou a criar uma partitura a partir do que tínhamos marcado em nossos “corpos”, o que ele chamou de cicatrizes, pinturas traçadas na “pele” por meio do tempo de vida e histórias pessoais. O desafio era encontrar o significado de cada uma delas no meu processo de transformação como ser humano, ator, professor de teatro, filho, amante, etc.

Trabalhamos alguns textos que nos deram suporte e auxiliaram na criação da cena, de onde eu tiro a base para tudo que foi criado e escrito, entre eles estava o “58 Indícios do Corpo” (2012), de Jean-Luc Nancy. Na indicação do professor, precisávamos escolher um dos 58 indícios e, depois, passarmos a trabalhar a construção do personagem.

O trecho da obra escolhido como ponta pé inicial para a montagem da partitura, que serviu de norte para a escrita, foi um trecho do “indício 25”, que, além de muito pessoal e muito próximo dos meus fantasmas e medos do passado, era a conexão com o meu consciente e subconsciente: “Se o homem é feito à imagem de Deus, então Deus tem um corpo. Talvez até seja um corpo, ou o corpo eminente dentre todos. O corpo do pensamento dos corpos.” (NANCY, 2012, p. 48). Para mim era a questão motriz para a criação, porém eu ainda precisava encontrar as imagens que pudessem ilustrar essas palavras, que pudessem me traduzir. Nas aulas fomos orientados a encontrar movimentos que traduzissem as ações do passado e o reflexo delas no presente, e isso seria a conexão com os “corpos infames”, mais adiante.

Nasci em uma família católica que, em parte, por minha causa, converteu-se ao Evangelho. Nasci muito doente, acometido por grave problema respiratório, um dia, pela fé da minha mãe, eu fui “curado”. A infância e a adolescência foram dentro da “Igreja”, aprendendo a palavra de Deus e seguindo os seus ensinamentos. Foi na adolescência que fui me descobrindo e vendo que lá não era o meu lugar. Não era o lugar para um adolescente que questionava a Bíblia e seu radicalismo quanto a muita coisa, desde a submissão total à um Deus autoritário e controlador, ao fato de termos que levar uma vida ilibada, longe de qualquer “pecado” para alcançarmos a “salvação”.

Quando as definições de pecado começaram a esbarrar com o meu modo de ver o mundo, e a forma excludente que muitos eram tratados por não se encaixarem nos dogmas da igreja, sendo taxados de pecadores, pelo simples fato de serem eles mesmo, eu decidi sair de lá.

Me “percebi” homossexual ainda na adolescência, nas brincadeiras de moleque e no desejo por estar com homens na forma mais condenável, segundo a Bíblia (2017, p. 133)

descreve em Levíticos, 20:13: “Quando também um homem se deitar com outro homem como mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles.” Porém não foi uma jornada fácil, não era só da igreja que eu precisava esconder o meu desejo, tinha também a não aceitação por parte da minha família e de uma sociedade patriarcal, machista e heterossexual, fundamentada em preconceitos vigentes há séculos no mundo. Mas eu não estava sozinho, a condição não era exclusividade minha, ia além.

O medo de ser descoberto e sofrer graves consequências me afligia todos os dias, o posicionamento da maioria das pessoas com relação a homossexualidade sempre foi de chacota/violência. A relação social e religiosa que a sexualidade, no meu caso a homossexualidade, afligia-me e me distanciava de um amadurecimento sem medo e sem incertezas. O corpo era meu, porém parecia que eu não tinha autonomia sobre ele. Instituições milenares (família e igreja) me cobrando uma posição “correta”, “direita”, “convencional”. Tudo que saísse disso, do discurso “homem e mulher”, casal e matrimônio, estava à margem do que as “instituições” preconizam até hoje. A infâmia, a marginalização do meu corpo era o rumo que eu via pela frente, conforme os dias iam passando e os meus desejos afloravam.

Ainda na adolescência eu presenciei a cena que tomei como imagem-força no processo de desenvolvimento da partitura, junto com um arcabouço de experiências pessoais vividas até hoje e que mais adiante vão conversar com as questões que me motivaram a ampliar um trabalho de conclusão de disciplina para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Desde o projeto para o TCC eu tinha uma ideia do que queria abordar, e uma cena presenciada por mim, em uma manhã na praia, conversava com o “25º indício”, de Nancy (2012). Era o último fim de semana das férias em uma praia no Marajó, vi um corpo desfilando entre as pessoas pela praia, um corpo moreno, alto e esguio que vestia um conjunto de biquíni e se exibia para todos. De repente, gritos e palavras ofensivas começaram a tomar conta do espaço de areia onde estávamos, e o corpo começou a ser agredido por capins arrancados do chão, por punhados de areia molhada e por muitos gritos. Homens, mulheres e até crianças tomavam a vez de inquisidores e humilhavam o “jovem rapaz”; “viado, bicha, travesti, anormal, ridículo...”. Ao presenciar a cena, o medo tomou conta de mim, pois mesmo não vestindo um biquíni, meu corpo tinha muito em comum àquele sendo vilipendiado em espaço público. Naquele momento nada fiz para ajudar. Quem era aquela pessoa? Qual direito os outros tinham em agredi-la e expô-la daquela forma? A forma que ela encontrara para viver era apenas dela e ninguém tinha o direito de violar. Será?

Em 2015 uma travesti desfila em carro aberto na Avenida Paulista, seria apenas mais uma participante da parada se não fosse por um detalhe, a atriz Viviany Beleboni, travesti,

performava a crucificação de Cristo de forma realista, na qual expunha as dores, ataques e mortes sofridas por cada travesti, transexual, que a cada ano fazem do Brasil um dos países que mais mata LGBTQIA+ no mundo (SOBRINHO, 2019; AGÊNCIA, 2018; HERMANSON, 2019; G1 Profissão Repórter, 2017; REDAÇÃO, 2019; JUSTO, 2020). Mesmo a artista explicando que aquela era a forma dela expor essas agruras, não foi o suficiente para amenizar a fúria dos “conservadores” evangélicos. Segundo eles, o que Viviany fazia era um desrespeito, uma blasfêmia ao maior símbolo cristão. Logo Viviany foi intimada a depor, no 78º Distrito Policial de São Paulo, para esclarecimentos sobre a performance. A medida foi fruto de uma representação movida junto ao Ministério Público do Estado, pela Associação das Igrejas Evangélicas de São Paulo.

Revisitei o corpo agredido na praia a partir deste trabalho, porém ele sempre se fez presente em minha vida. Muitos de nós, homossexuais, travestis, drag queens, homens ou mulheres transexuais que buscam ter seus direitos reconhecidos, sua identidade de gênero reconhecida, são desrespeitados, agredidos e mortos pelo mesmo motivo, ser quem realmente somos. Será que só a comunidade gay enxerga a performance de Viviany como um grito de socorro por conta de todo o preconceito sofrido?

Em 2017, a travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará. Em 2016, uma travesti foi espancada por um grupo de taxistas numas das principais avenidas de Belém-PA, mesmo com a presença da polícia, o grupo não se intimidou em praticar a barbárie, porém é mais fácil acusar a performance de Viviany de blasfêmia do que se compadecer do sofrimento do próximo só por ele ser “diferente”. São essas inquietações que me levam a buscar minhas cicatrizes e ver onde elas se encontram com o quadro de intolerância e dor vivido por muitos homossexuais.

Penso em um personagem clássico da literatura, Gregor Samsa, criado por Franz Kafka, penso em seu corpo “transformado” e agredido. Em “A Metamorfose” (2009), Kafka nos apresenta o personagem dessa forma: “Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se transformado num insuportável inseto” (p. 29). Gregor é um homem de família, com um emprego e sonhos para o futuro, porém, a partir da “metamorfose” assume sua nova condição e se adapta ao novo corpo, mesmo sofrendo com o isolamento e a incompreensão do restante da família e de outras pessoas que o viram como inseto.

Lembro que, quando li a obra a primeira vez, ainda adolescente, esperava que tudo não passasse de um sonho e Gregor voltasse a ser quem era antes. Mas Kafka não pensava assim. Kafka pode nem estar contente com este meu modo de ver a obra dele, porém as igrejas estão

aí apedrejando o que elas não entendem, não aceitam, o que, segundo as “denominações cristãs”, é o pecado que afasta o homem do criador por ir contra a imagem do “casal” original.

Gregor morre sem ser aceito pela família. Em um certo momento, o próprio pai o agride, jogando maçãs para afugentá-lo de volta ao quarto onde ele era confinado desde a sua transformação. Faço uma analogia do personagem criado por Kafka com a condição dos LGBTQIA+ que são agredidos e mortos por desconhecidos, pelo discurso de ódio dos fanáticos religiosos e até por familiares, que não aceitam sua condição de diferente, porém não desigual em seus direitos pela vida.

Eu não iria morrer! Resistir era mais que necessário e desvendar a vida e seus mistério virou missão de um corpo que ao mesmo tempo que se escondia estava exposto à uma sociedade sedenta por apontar e discriminar o diferente.

Sobrava uma questão, como reunir tudo isso e transformar em imagem? Eu tinha a travesti agredida na praia, eu tinha a imagem do “Cristo Trans” crucificado, eu tinha Dandaras, Valentinas, Itaberlis, e tinha a mim. De alguma forma, todos tiveram seus corpos violados pelo desprezo e indiferença.

Além do processo criativo da cena, eu precisava escrever. Era na minha escrita que eu iria buscar apoio para a construção da cena, sendo assim, revisei minhas “cicatrices” e assim as enumerei e criei uma linha cronologia do que foi o meu despertar e de como isso tudo me influenciou até aqui. As cicatrizes que vão ao encontro do corpo “infame” que me pertencia, carregado de vergonha e dor, e, que precisava ser resgatado e tomar as rédeas de suas decisões.

2 A PRIMEIRA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME – PELA FÉ UMA CRIANÇA FOI SALVA

Para contar a história da minha vida, preciso voltar ao começo de tudo. Buscar nas lembranças da infância um registro de quem eu era e de como a minha vida seguiu desde o meu nascimento.

Nasci sem muitas expectativas de sobreviver, um bebê frágil, acometido por problemas respiratórios e baixo peso. Na luta pela sobrevivência, minha mãe, advinda de uma família católica, foi apresentada ao evangelho, que mais tarde meu pai abraçou com mais fervor do que todos na família. Ele foi o primeiro ponto de “(des)equilíbrio de fé” que me foi apresentado.

Desde cedo conheci um único modo de vida, o “evangelho”, apresentado a mim ainda bebê, modo de vida o qual meus pais assumiram e vivem até hoje. Conto isso não por lembrar e sim porque minha mãe sempre me contou essa história, a história de um bebê que já nasceu fadado a morrer, um bebê que nem em um hospital foi parido, nasceu em casa, num quarto de madeira, onde uma cortina servia de porta. Uma vizinha, que fazia o trabalho de parteira no bairro, foi quem ajudou minha mãe na batalha de me trazer ao mundo. Experiente, ela já havia ajudado no parto da minha irmã número quatro.

No dia 2 de agosto de 1974, eu cheguei, quase não chegando, o parto foi complicado, porém eu resolvi nascer, agora se ia sobreviver era outra história. Ainda bebê eu desenvolvi graves problemas de saúde que não me permitiam um dia de sossego e mamãe sofria com a minha saúde frágil, dizia que dormia com a vela e a caixa de fósforo embaixo do travesseiro, pois não esperava que eu passasse daquela noite. Mesmo muito fragilizado, fui sobrevivendo, um bebê franzino, que não se desenvolvia em tamanho e peso. Mamãe conta que para sair comigo pela rua, envolvia-me em vários panos para que as pessoas não me vissem e pensassem que ela me maltratava, de tão pequeno que eu era. Meu batizado foi arranjado às pressas para eu não morrer pagão, minha madrinha, a beata mais devota da rua, foi quem organizou tudo e até fez uma roupinha nova para mim, simbolicamente a roupa não ia caber em nenhum outro bebê, era a minha roupa, o meu tecido de proteção.

Foi a partir dessa luta pela vida que minha família, até então católica, traçou seu novo caminho, o caminho para Jesus Cristo, o Salvador. Por meio de seus evangelhos e das doutrinas “pregadas” num livro milenar, a Bíblia Sagrada, minha família se reorganizou. Um dia em que estava com uma grave crise respiratória, uma amiga da minha mãe perguntou se ela tinha fé e se acreditava que eu podia ser curado por Jesus, mamãe disse que sim, mas não sabia como fazer. A amiga disse que iria chamar umas “irmãs” de uma igreja evangélica para orarem por

mim e que tudo ficaria bem, mamãe aceitou. As “irmãs” foram fazer a oração e então o milagre aconteceu.

Um tempo depois, a doença foi abrandando e eu fui vivendo. Sobrevivendo, é melhor dizer assim, pois médicos e remédios passaram a ser minha rotina. Tempos depois, meu pai que passava por dificuldades financeiras resolveu entregar-se a Cristo e, desde então, ele tomou as palavras de Jesus, escritas em João 8:32: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (BÍBLIA, 2017, p. 1408), como norte para sua vida, acreditando estar liberto e livre de todos os pecados. E assim seria, até hoje, com 88 anos de vida.

A infância foi na Igreja, sob o controle severo de meu pai, frequentando os cultos e a escola bíblica dominical, onde as histórias do velho e do novo testamento eram os ensinamentos que recebíamos para uma vida cristã pura e longe de todo o mal que o mundo pudesse oferecer. Tudo era arrumado para que nós aprendêssemos e entendêssemos as “maravilhas” e a “fúria” de Deus, desde o Gênesis, passando pelas aventuras de Moisés e o povo Hebreu, Sansão e Dalila, Davi e Golias, e o jovem Samuel, até chegar na história de Cristo, o nosso “Senhor e Salvador”. Contudo, a história que teve início lá no Gênesis termina em um cenário apocalítico, onde o mundo fica tenebroso, o “livro das revelações” e do julgamento final, lá o homem pecador não tem perdão, porque segundo a Bíblia (2017, p. 1110), Romanos 6:23, “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Lembro também que o simples fato de mencionarem a palavra “INFERNO”, era o fim do mundo para mim. E o fim do mundo me lembrava do apocalipse e o apocalipse, do arrebatamento. Era o arrebatamento que me deixava mais aflito, causava-me desespero pensar que Jesus poderia voltar no momento em que o pecado estivesse sendo consumado! Outra lembrança que tenho da infância, era que eu devia ter morrido antes dos sete anos de idade, pois segundo uma crença antiga quem morresse até essa idade era considerado um anjo puro e sem pecado, com passagem garantida para o céu. Nesse período ainda não havia questionamentos sobre se tudo aquilo realmente aconteceria, recebíamos as informações e aceitávamos como verdade absoluta.

A maneira impositiva e autoritária do meu pai em nos manter dentro da “igreja” era acatada por minha mãe sem contestação, ela fazia de tudo para evitar conflitos. Não tinha forças para barrar o autoritarismo dele, as imposições severas de que tínhamos que cumprir as obrigações com a palavra de Deus. Em certos momentos, meus conflitos com meu pai respigavam nela, justamente por não se impor e nos “libertar” daquele que nos subjugava, sob a forma de uma palavra repleta de “verdades” e “condenações”. Até mesmo porque ela acreditava na palavra da mesma forma, para ela a “salvação” também estava em Cristo, ela

havia experimentado isso com a minha doença e a sua fé. Nunca duvidei que ela me amasse! Deus rege nossas vidas e ela acreditava nisso.

Na igreja eu não causava grandes problemas, prestava atenção nos ensinamentos, nas pregações do pastor, nos hinos e participava todo ano das peças comemorativas, como: Natal, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais. Eu era o queridinho das professoras, pois além de obediente era esforçado e decorava minhas falas direitinho na hora das apresentações. Isso me valia os papéis de destaque.

Quanto ao pecado, eu tentava fugir dele de todo o jeito, morria de medo de ir para o “INFERNO”. Foi na infância que ele apareceu pela primeira vez, na pele de um garoto mais velho, filho de uma vizinha bem próxima à minha família. Por conta das complicações de saúde, eu precisava tomar algumas injeções regularmente na casa dessa senhora. Numa noite, o filho dela se aproveitou da intimidade e confiança das nossas mães e me levou para fora da casa deles, entramos em uma casa ao lado, que estava em construção. Naquela época as casas de alvenaria começavam a surgir em minha rua. Ele me levou para um cômodo escuro e me deitou sobre umas tábuas sujas de cimento seco, ele arriou meu short e forçou uma penetração que até hoje não me recordo se foi consumada, lembro apenas da minha barriga roçando no cimento seco das tábuas, do corpo dele sobre o meu e da escuridão daquele lugar. Não entendi nada, devia ter entre seis ou sete anos.

Bachelard (1988) dedica o capítulo III da Poética do Devaneio ao que ele chama de “Os Devaneios Voltados para a Infância”. Nele, o filósofo francês disserta sobre as lembranças da infância, da construção de um ser a partir de caminhos traçados por adultos, da solidão que serve como refúgio e combustível para uma poética imaginada, onde não se tem a dimensão do que é real. Nos meus devaneios da infância e da adolescência, tenho a construção de um mundo que servia para que o garoto frágil e “sozinho” se descobrisse e experimentasse os sabores da vida, que vão desde o amargor em ser possuído sem permissão, à descoberta de um corpo que podia representar muito mais que um conjunto de órgãos e membros reunidos. Um corpo de prazeres e segredos descobertos, em um passado há tempos escondido, em uma fortaleza construída apenas de lembranças pessoais, que reencontro no “presente” e “futuro”. “Esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas, o futuro do devaneio que se abre diante de toda imagem redescoberta” (Ibid., p. 107).

3 A SEGUNDA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME - “ESCONDE-ESCONDE”

É na adolescência que me deparo com meu primeiro grande “devir”. Parto de uma relação religiosa monogâmica e opressora, para um caminho de descobertas que me transformaram no homem que sou hoje. Narro aqui, de forma verdadeira, a trajetória de um adolescente, seus medos e a coragem de romper com uma “sociedade cristã inquisidora” que, há muito, se afastou das palavras do Cristo, ditas lá no novo testamento, Mateus 22:39, “amar ao próximo como a si mesmo” (BÍBLIA, 2017, p. 959). O próximo para os cristãos está associado aos seus iguais, não os diferentes. No documentário, “One of Us”, de 2017, é mostrado a luta de três judeus para se desvencilhar das amarras de uma comunidade judaica ultra ortodoxa, conhecida como “Hassídicos”.

O processo de cada um é, primeiramente, uma luta interna. As questões religiosas e os pensamentos antigos, em conflito com a modernidade e a forma diferente em ver o mundo e questionar as imposições sociais e culturais são o que movem os três jovens, personagens do documentário, para fora. A organização “social” dos hassídicos está na proteção de seus membros desde que eles sigam os ensinamentos da doutrina judaica disseminadas na comunidade. Na maioria das vezes, é notória a relação de exclusão quando você deixa de fazer parte de uma determinada comunidade. Você passa a ser parte do diferente, mesmo tendo convivido com aquelas pessoas anos de sua vida. Na igreja evangélica em que vivi, não foi diferente, mesmo sempre acreditando que “Cristo” e seus ensinamentos estavam dentro de mim.

No início da adolescência, a minha relação com Cristo estava na fase do temor, vinha de uma trajetória cristã dominada pelos comandos do meu pai, e ele comandado pelo evangelho. Minha saúde dera um salto muito grande para melhor e minha vida seguia a rotina traçada por meus pais: casa, escola e igreja. Não podíamos faltar aos cultos e nem desrespeitar a palavra de Deus. Os ensinamentos “cristãos” deviam fazer parte de nós vinte e quatro horas por dia, os sete dias da semana, sem questionamentos.

O convívio com os outros adolescentes era exclusivamente na igreja, não tínhamos o costume de fazer nada além de ir aos cultos e às reuniões nos sábados, onde estudávamos e ensaiávamos os cânticos para cada culto da semana. Não podíamos ir ao cinema, pois era considerado uma falha grave, já que o local e o os filmes podiam nos incentivar a pecar, não falávamos ou conversávamos sobre assuntos como namoro ou sexo, qualquer coisa que nos incomodasse e quiséssemos tirar dúvida podíamos procurar o “pastor” da congregação, porém já sabíamos o que íamos ouvir.

Como a leitura da Bíblia era a única recomendada, não tínhamos lá muitas coisas para conversar. As informações sobre sexo fui ouvindo nas brincadeiras de moleque na rua, na escola e nos poucos livros que tínhamos em casa, livros que faziam parte de uma coleção que meu pai havia comprado, tinha uma enciclopédia sexual e alguns títulos da literatura universal como “Cinco Semanas em um Balão”, “O Corcunda de Notre Dame”, “Dom Casmurro”, “O Cortiço” entre outros, foram esses livros que me fizeram despertar para a literatura e com a literatura os pensamentos foram tomando outras formas e outros rumos. Na enciclopédia eu conheci termos como masturbação, pederastia, onanismo, sexo anal, orgasmo. Eu conheci meu corpo, o corpo que começava a crescer e a despertar.

As brincadeiras e descobertas foram surgindo, passei a observar a mudança no corpo dos outros garotos também, talvez inconscientemente eu já começava a desejá-los. Contudo, meu pai sempre dava um jeito de me fazer lembrar do pecado e de que só Jesus salva. Não podíamos nos desviar dos caminhos do “Senhor”. E eu, naquele momento, ainda acreditava que seguindo os caminhos de Cristo estaria tudo bem. Um dia arrumaria uma namorada, nos casaríamos e seríamos felizes, trabalharíamos na igreja e eu seria o pregador que meu pai sempre desejou e sonhou. Porém, isso foi mudando, começaram os conflitos, os questionamentos e a vida do garoto cristão obediente começou a se transformar na vida de um garoto que já não pensava só em “crescer e multiplicar”.

Lá pelos quatorze anos, numa brincadeira de esconde-esconde, um garoto mais velho que eu, escolheu-me para ser seu parceiro de brincadeira. Fui me esconder com ele no mato que ficava às margens do campinho onde jogávamos futebol, só que a intenção dele não era apenas se esconder comigo, logo descobri! Ali, o “PECADO” tomou forma, forma de vergonha e medo e já não seria só uma lembrança da infância e sim um momento de transformação pintado pela dor física e moral. Eu estava experimentando algo que a palavra de Deus abominava em todos os sentidos.

Abaixados no mato, eu podia ver que todos as outras duplas já haviam sido descobertas e só restava nós dois, mas ele não permitiu que me entregasse para que o jogo terminasse, pelo contrário, disse que se ficássemos mais tempo escondidos, mais valeria a nossa vitória. Então continuamos deitados no mato, e assim, como em o “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu, ele:

Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando o short verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas, meus pais me dando uma surra e os garotos da rua gritando na minha cara: maricão, mariquinha, viadinho. E não, eu não sabia; (1996, p. 86)

Logo começou a roçar o pau no meu traseiro e quanto mais ele roçava, mais eu sentia o pau dele crescendo. Em um gesto rápido ele baixou meu short, cuspiu no pau e foi forçando a entrada. Ele foi se acomodando dentro de mim, eu tentava empurrá-lo e quando eu estava totalmente dominado por ele, senti o seu pau me rasgando; novamente me lembro do jovem Hermes sendo possuído pelo Sargento Garcia...

Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. (Ibid., p. 90)

Depois de alguns movimentos ele se jogou para o lado e vi uma gosma branca e grossa escorrendo do pau dele, na mesma hora toquei e passei a mão no local da violação, entrei em desespero. Quase chorando eu falei que ele tinha me ferido e estava escorrendo algo de dentro de mim, ele rindo, disse que estava tudo bem, que aquilo era normal e perguntou se eu nunca tinha visto “gala”. Eu respondi que não. Então ele disse apenas que havia “gozado”, esporrado. Rápido levantei o short! Com vergonha e medo de ser descoberto, saí do mato sem que ninguém me visse.

Afastei-me do garoto e tentava não ficar sozinho com nenhum outro, no entanto, parece que todo pastor começa a desconfiar quando a gente fez ou está fazendo alguma coisa de errado. E quando começam as acusações e exortações por meio da palavra, cada palavra dita no púlpito parecia que era direcionada para mim. Assim, a angústia e o medo só aumentavam e os conflitos explodiam em mim. A essa altura já sabia que se morresse não iria mais para o céu, já que se quisesse ir para lá, eu teria que falar com o pastor e pedir perdão diante da igreja, preferi ficar com meu pecado só para mim, pois a palavra era bem clara “Quando também um homem se deitar com outro homem como mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles.” Levítico 20:13 (BÍBLIA, 2017, p. 133).

Levítico me acusava todos os dias e me impedia de tomar qualquer atitude. Chorava, culpava-me. O que eu fizera era totalmente errado, não podia acontecer de novo. Mas, um dia o desejo falou mais forte, e o garoto e eu ficamos novamente sozinhos. Dessa vez eu já estava mais tranquilo, entreguei-me como mais uma brincadeira de garotos, era apenas sexo, uma necessidade que meu corpo pedia para ser saciada. A partir daí comecei a ter experiências sexuais com outros garotos da rua. Eram aventuras sexuais onde o troca-troca rolava solto. Os

garotos eram da minha idade e era para ficar apenas entre nós, pois ninguém queria ser tachado de bicha ou mariquinha, e muito menos levar uma surra dos pais.

Mesmo gostando e me entregando ao prazer, nas minhas orações eu dizia que ia parar com aquilo, pedia para Deus não me deixar pecar de novo. Mas, nada das “brincadeiras” pararem, e com o tempo, o que eu pensei que seria só uma fase da minha vida, foi tomando conta dela por inteiro. Aí o cenário foi mudando!

Enquanto o Levítico e os ensinamentos diziam para eu me afastar do meu desejo, meu corpo pedia mais. A atração pelo corpo e sexo dos outros garotos deixava de ser apenas uma brincadeira, mesmo com a ameaça de ir para o inferno e ser pego pelos meus pais, pois, naquele momento, já era de conhecimento de boa parte dos garotos da rua as brincadeiras sexuais nas quais eu estava envolvido.

Não foi na igreja que me descobri como homem, foi na vida. Foi em minha busca por respostas fora dos púlpitos, foi nas páginas de uma enciclopédia sexual, nos meus momentos sexuais com os outros garotos, que o modo de encarar minha sexualidade e meu desejo foi mudando, e a vida tomando outro rumo. Já não queria ser o cristão que aparentava não ter “pecados graves”. Eu sentia uma necessidade, e essa necessidade me empurrava para um grande conflito. No meio do conflito uma figura pairava sobre minhas ações visíveis e invisíveis. Deus? Não. Meu pai. Nossos conflitos foram ficando cada vez maiores, eu já não ia à igreja para satisfazê-lo, ia quando achava que devia ir. Ele não aceitava isso. Ia me distanciando da igreja e descobrindo uma nova vida, continuava sendo o filho mais calmo, educado e que não dava problema, no entanto era o mais delicado, que gostava de ler, ouvir música clássica, instrumental e, um grande detalhe, eu não aparecia com namorada em casa, diferente dos meus irmãos.

À essa altura eu e meu pai brigávamos por qualquer coisa. Discutíamos por eu não querer mais ir à Igreja, por eu ter uma voz mais fina, por eu preferir ir ao cinema. Minha mãe, como sempre, não tinha uma voz ativa, que pudesse se opor ao meu pai, quando tentava os dois acabavam brigando feio.

Foi no final da adolescência que descobri meu primeiro homem de verdade, mais velho e mais experiente que os garotos da minha rua, levou-me a um motel barato, de lençóis de chita e travesseiros amarelados, no bairro do Reduto, e lá me fez sentir o sexo na sua essência pela primeira vez, não era mais o troca-troca de moleques. Ele era um homem com a pele um pouco mais escura que a minha, um corpo magro, olhos castanho-claros, uma boca de lábios carnudos que me fizeram deixar a adolescência para trás e descobrir minha identidade de homem.

Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também (ABREU, 1996, p. 51)

Mesmo querendo mais, eu não permiti que ele me procurasse. Tinha medo de ser pego, meus pais me matariam ou me expulsariam de casa. Nessa altura dos acontecimentos, a religião já não era mais o problema, o meu problema era como fazer para que ninguém soubesse que eu realmente gostava de homens, que não era mais uma brincadeira de moleque, pois para a maioria dos outros garotos tudo não passou de brincadeira. Ele não foi o meu primeiro amor, pois o medo dentro de mim não permitiu que eu vivesse isso e logo me afastei dele. Esse medo talvez tenha me roubado a chance de ter um amor e ser amado, naquele momento.

O tempo foi passando e só sabia que meus pais não podiam descobrir nada. Seria uma vergonha, um escândalo para eles na igreja e diante da família. Eu ainda frequentava a igreja, porém já não estava tão interessado em saber se ia para o inferno ou não, pois, segundo a religião, eu iria, ela deixava bem claro que o pecado estava no ato sexual entre dois homens, mesmo se esses dois homens se amassem. Assim, como viver o meu desejo sem ser descoberto?

Era início dos anos noventa, eu estava cursando o ensino médio no turno da noite, as letras das músicas da Madonna, “Live to Tell” (1986), “Like a Prayer” (1989) e os contos de Caio Fernando Abreu (1996), “Aqueles dois”, “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia” começavam a fazer sentido para mim.

A escola ficava fora do bairro, o que me possibilitava passar mais tempo fora de casa, o que me permitia realizar aventuras na pele de um adolescente em busca de sexo, com outros homens, em alguns pontos da cidade. As aventuras sexuais aconteciam, na maioria das vezes, com completos desconhecidos, em banheiros de cinemas pornô ou não, em motéis baratos do centro, às vezes se aventurando num ponto mais escuro da cidade, correndo risco de ser pego.

Por conta do que queria, logo deixei de ser apenas uma caça e sabia como os homens mais velhos gostavam de parecer dominadores, achando que estavam seduzindo, deflorando um adolescente ingênuo. O caçador despertado em mim foi se valendo disso e passou a usar a imagem que eles queriam, para alcançar os meus objetivos. Seduzia, usava o que eu queria e depois partia.

Para mim era mais fácil não criar nenhum vínculo com o parceiro. Não queria romance e muito menos alguém pegando no meu pé e me complicando com minha família. Valia-me da escuridão da sala de cinema para procurar homens e levá-los para o banheiro e ali consumir o ato sexual. Na aproximação inicial era comum perguntar "Você é entendido" Na primeira vez

que me perguntaram, respondi de imediato que sim, não conhecia o termo como sinônimo para homossexual, apenas como alguém que estudava e entendia de matemática, história, português etc.

Era comum os “entendidos” viverem nos guetos. Locais em que eles podiam curtir, mesmo com o risco de serem pegos. Lembro das tardes em que fingia um passeio pela Praça da República e passávamos uns pelos outros, trocávamos olhares, puxávamos uma conversa e dali seguíamos para um motel ou ficávamos tocando "punheta" no banheiro fedido do Bar do Parque, local conhecido como ponto de pegação a qualquer hora do dia, onde uma simples descida para urinar, já atraía a presa ou caçador da vez. Sexo era muito fácil e eu aproveitava.

Nessas aventuras, um cuidado que se devia ter o tempo todo, era com a AIDS, que até pouco tempo atrás parecia algo distante. A doença que começou a tomar forma em meados dos anos 80, pairou como uma sombra sobre nós. Rostos conhecidos começaram a sair de cena por conta dela, foi um balde de água fria na comunidade gay. Liguei o sinal de alerta, reduzindo o movimento das minhas aventuras sexuais.

A doença virou uma ameaça real e vivia com suas asas abertas como o anjo da morte, em plantão constante, só esperando uma vacilada. Famosos e anônimos daquela época sucumbiram às mazelas do câncer gay, e eu não podia me descuidar, já que nesse ponto da história, os conflitos com meus pais já haviam diminuído à quase zero e qualquer coisa que me botasse em evidência e fizesse ligação com a minha homossexualidade, podia pôr fim à essa trégua que estava se estabelecendo. Meu pai não parou, como até hoje, de me chamar de volta para a Igreja, dizia que eu tinha que me reconciliar com Cristo e assim as coisas ficariam bem. Eu só dizia que ainda não era o tempo, não discutia, apenas me retirava.

4 A TERCEIRA CICATRIZ DE UM CORPO INFAME - DEUS ESTÁ NO AMOR

Com o tempo, a religião já não me fazia sofrer e nem fazia que me sentisse mal. Eu acreditava que havia chegado à um ponto importante, uma descoberta pessoal, de que eu não continuaria seguindo Cristo se a Bíblia condenava o que eu fazia. Assim eu não desrespeitaria a palavra dele, porém nunca romperia minha relação com ele, apenas não frequentaria mais a sua casa. Eu tinha percebido que não queria mais conflitos com meus pais, a religião deles não era mais a minha, eu estava em um caminho sem volta dos púlpitos que meu pai queria para mim. Cristo foi sendo desmistificado, sozinho fui me encontrando.

Vieram as novas experiências, o primeiro grande amor e, também, o primeiro grande sofrimento com o rompimento da relação. O bom é que já não achava que Cristo me castigaria por eu ser um homem que deitava com outro homem, apenas foi uma relação que acabou. Ele era noivo. Anos depois descobri o amor em outra pessoa, vivemos uma história que durou dez anos, entre idas e vindas. Aprendemos muito um com outro, mesmo com o término da relação continuamos amigos, somos dois adultos que superaram seus problemas amorosos e continuaram suas vidas, mesmo separados. Como já disse antes, não quero parecer único ou pensar que a história da minha vida é mais importante que a de qualquer outra pessoa, no entanto, sei que a minha história não é de menor valor que qualquer outra. É a minha história! São as minhas cicatrizes, pois, há muito passei a entender que a vida funciona de forma diferente para cada um de nós.

Entender que a Bíblia foi escrita por homens, que tomaram a voz de Deus e vomitaram o que eles apenas acreditavam ser correto, fez grande diferença para mim. Não me esqueço das lições sobre o amor ao próximo, não me esqueço do amor de Jonathan por Davi e de Madalena por Cristo. O “PECADO” deixou de me amedrontar, de me afastar de Cristo. Meu caminho foi retrçado e a minha busca foi redirecionada, não era mais fugir do “INFERNO”, era não transformar a minha existência em um inferno.

A homossexualidade faz parte de mim, não sei dizer o dia ou a hora que percebi ser gay, a minha sexualidade foi sendo construída a cada passo que dava, ela foi ganhando força no desejo que eu tinha em ficar bem, eu não sei dizer se foi uma escolha ou como dizem por aí, uma opção. Eu sei dizer que está em mim, nasceu dentro de um garoto frágil e limitado, porém foi ganhando força nas decepções, no bullying sofrido. Não foi uma religião que fez com que ela fosse abafada para se enquadrar em um modelo comportamental “heterossexual dominante”.

Essa seria a cicatriz mais forte, ela está nas minhas costas, não como um peso ou um monstro que me assombre. Muito jovem eu decidi ser quem eu realmente era mesmo escondido,

eu busquei força internamente, eu não podia sofrer por conta de algo que me fazia bem, eu não podia sofrer porque a Bíblia dizia o contrário, dizia que eu estava errado.

Um dia, em sala de aula, alguém me perguntou se depois de tudo que vivi eu ainda tinha uma religião. Eu respondi que a minha religião está dentro de mim, em um Deus que me ensinou fazer o bem e amar ao próximo, minha religião é um universo de “RELIGIÕES”, é uma representação de um universo de “seres espirituais” na busca da harmonia entre mente e espiritualidade.

As cicatrizes que marcam o corpo, como dito, são três, estão sempre a me observar, as cicatrizes da alma são muitas, algumas muito bem adormecidas, outras nem tanto. Apesar de tudo que vivi com a religião, devido às intransigências do meu pai, com ela descobri, além de acusações, o respeito pela vida, não só pela minha vida.

O meu corpo transformado em homem por meio de outros homens, homens que eu aprendi a amar ou apenas a usar, é o corpo que me acompanha e sofre transformações desde o meu nascimento, que a vida foi fortalecendo aos poucos, porém não um corpo inútil ou sem perspectiva. Diferente de muitos que sofreram e sucumbiram aos apedrejamentos sociais, eu resisti. Pus-me de pé e me aprumei por conta própria, seguindo os meus desejos. A minha opção foi não sofrer.

5 OS RESULTADOS EM CENA

Com a escrita em mãos, e a partir das orientações nas aulas práticas, fui construindo a cena. Agora, com cada parte revisitada, ficava mais nítido o que seria colocado em cena. Em primeiro lugar, eu precisaria de música, pois a música sempre me fazia viajar e pensar na vida de forma mais lúdica. Logo, a minha trilha sonora precisava ter Madonna. Inspirava-me seus versos, sua história de luta pelos direitos dos gays, das mulheres, negros e excluídos. Eu precisava dialogar com o meu tema de forma direta e Madonna era uma “transgressora” dos padrões que precisava se fazer presente, pois suas letras ácidas de alguma forma apontam as falhas da igreja, no que concerne aos diferentes. Eu fui o diferente dentro da igreja e lá não tive apoio e sim acusações. A minha vida presente e futura estava dependendo apenas de mim.

A performance se deu apenas comigo em cena, despindo-me das minhas vergonhas e dos meus medos, onde uma trilha sonora me embalava. Meu corpo sendo explorado por mim em uma luta contra o desejo e o “pecado”. A frase de Jean Luc Nancy ecoava dos meus lábios em acessos de desejo e fúria. Era a exposição de um corpo machucado, que resistia. Resistia às acusações, às calúnias, às imposições “cristãs” e “familiares”, às imposições de uma sociedade que mata em nome da “fé” e da normatividade.

Naquela noite despi o corpo e a alma diante de uma plateia que assim como eu já havia sofrido algum tipo de acusação: negros, mulheres, pobres, periféricos. Na cena, não era apenas meu corpo, eram corpos e dores de muitos que foram reprimidos e até mortos por conta do desejo de ser livre. De ir em busca do prazer e da vida que lhe convinha, sem amarras “cristãs”, sem culpa.

Figura 1 – Performance “Cicatrizes”. Teatro Cláudio Barradas



Fonte: Acervo Pessoal

O reencontro com essa escrita dar-se-ia mais de 2 anos após a primeira apresentação do texto. Estava sem vontade de manter o tema, meu TCC com prazo estourado, minha vida um reboliço; depressão, crise de ansiedade, a sensação incapacidade. E, em 2020, ainda temos a Pandemia causada pelo novo Coronavírus, que nos fragilizou de diferentes formas. No meu caso, ainda vivi a doença como paciente em estado grave, que precisou ser internado e contar, mais uma vez, com a ciência e a fé para sobreviver. As cicatrizes exposta são minha história, não era a invenção de nenhuma outra pessoa e mesmo assim, nada me fazia sair do buraco negro que a escrita deste trabalho se tornou. São as histórias de um corpo bombardeado, infame, tomado de chagas sociais.

Em julho de 2020, por conta de uma agenda que precisava ser retomada para minha defesa de TCC, eu e minha orientadora buscamos alternativas, em meio a Pandemia da Covid-19, para retomarmos o texto original e, até mesmo, chegar a uma performance que pudesse dar vida a minha trajetória. Assim nasceu a cena “Corpos Infames”, que no início seria apenas um vídeo de quatro minutos para compor o Auto do Círio 2020, o qual, devido ao quadro de Pandemia, foi totalmente virtual.

Em diálogos conjuntos, conseguimos resgatar uma performance que eu e os atores Rafael Cunha e Fernando Sarmento havíamos apresentando ainda no curso de licenciatura, na disciplina “Laboratório do Corpo”, com o título “Corpos Bombardeados”. Na cena tínhamos alguns elementos que sofrem a dor de serem diferentes, a travesti, a mulher espancada e oprimida dentro do seu próprio lar, um refugiado de guerra na luta pela sobrevivência em um país que não é o seu. Na cena erámos amparados por uma força mítica que remetia às entidades da fé, do cosmo e do princípio da vida.

Assim como na primeira performance, em “Corpos Bombardeados” meu indutor foi Nancy e os 58 “Indícios do Corpo”. Já na performance “Corpos Infames” tivemos como indutor o texto de Michel Foucault (2003), “A Vida dos Homens Infames”, publicado em 1977, no *Les Cahier du Chemin*. O autor criou o conceito de infame ao se debruçar em documentos de 1660 a 1760. Ele procurou vestígios de vidas secundárias, errantes, silenciadas, subalternizadas; vidas abreviadas e existências escondidas.

Nas palavras de Foucault vidas “que são como se não tivesse existido, vidas que só sobrevivem do CHOQUE com o Poder que não quis se não aniquilá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos [...]” (2003, p. 06), eis aí os infames. Tratam-se de vidas resumidas porque podiam servir de exemplo para a sociedade e corpos normativizados. Vidas de humanos reais, sejam eles encarcerados, humilhados, violentados etc.

Diante do que já tínhamos, era preciso casar a primeira parte “Cicatrizes” com os “Corpos Bombardeados”, resultando na performance “Corpos Infames”, que intitula este Trabalho de Conclusão de Curso. A partir desse acordo, e resgate de duas performances, elaboramos um plano de trabalho com ensaios e discussões sobre o tema. Precisei fazer um resgate de todos os indutores e pontos que contribuíram para a construção deste trabalho, desde as disciplinas “Laboratório do Corpo” à “Dramaturgia do Ator”.

Agora, não seria apenas eu em cena, seríamos quatro. A ideia de jogar com quatro corpos em cena e ampliar a discussão dos que vivem às margens da sociedade, foi concebida a partir da necessidade de abordarmos as diferentes mazelas dos corpos marginalizados, por uma sociedade que, na maioria das vezes, só enxerga o que lhe é conveniente.

O primeiro corpo infame em cena foi o corpo do ator Fernando Sarmiento, que traz no seu corpo a violência contra o homem preto no Brasil e no mundo. Partimos das muitas atrocidades cometidas contra a comunidade negra, pobre e periférica. Na performance do corpo negro estava a marca da injustiça, da violência - oitenta tiros, um elevador, um guarda-chuva confundido com uma arma, uma criança indefesa junto com sua mãe em uma abordagem policial -, do racismo nos assassinatos de pessoas negras no Brasil e no mundo e o descaso da justiça diante de tanta violência. Corpos como o da menina Agatha, morta quando retornava para casa, junto com a sua mãe, em uma kombi no complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em setembro de 2019 (G1 Rio, 2019); assim como o assassinato do músico Evaldo dos Santos Rosa, que morreu após ter o carro cravejado com mais de 80 tiros, disparados por agrupamento do exército, sem dar chance de defesa para Evaldo e sua família, que estava com ele no carro, no momento do ocorrido (BARREIRA; COELHO, 2019). Esses são exemplos dentre muitos outros casos de assassinatos e mazelas contra a população negra.

O ator Rafitah construiu um corpo reprimido e censurado, visto como “louco” por conta do desvio às polarizações representativas sociais. Caçado por não viver a “realidade”, por encontrar na arte a sua liberdade de expressão, na arte de fazer da sua vida um condutor de alegria e reflexão para quem o assiste. Contudo, os padrões sociais, uma “censura” disfarçada de “moral” e proteção aos valores familiares, afasta a arte do povo e a torna infame.

Vivemos um período de “caça às bruxas” e a arte tem sofrido muitos ataques, há algum tempo, acusada de ser incitadora da depravação e da destruição dos “bons costumes”, principalmente nos últimos anos, com o crescimento de uma ultradireita conservadora radical (CASTRO, 2020), que demoniza o pensamento criativo/crítico dos artistas brasileiros, tendo força na fala de um governo de ideias e ações fascistas.

Eu, Nilson Chucre, venho como o homoafetivo oprimido pela sociedade normativa, especialmente a Igreja e suas “imposições teocêntricas”, trazendo, no psicofísico, cicatrizes que marcam toda a sua trajetória. E é, como já explicitado ao longo desta escrita, na minha trajetória que se embasa a performance nesse segundo momento. As ações do passado expostas em um grito de socorro e de autoafirmação, sufocada por um soco na boca, como forma de silenciar a pessoa LGBTQIA+, desferido diariamente por uma sociedade imoral que se vale de um discurso preconceituoso, separatista e de desprezo quanto ao que não se encaixa nos registros cristãos e heterossexual.

A entidade ecumênica, ser mítico, envolto em um contexto afro-ameríndio, é presentificada por Cláudia Gomes, que expõe de forma visceral: doença, revolta, restauração e cura. Cura essa representada no reencontro com seus alunos, agora companheiros de cena, que contribuíram para o seu devir “curandeira”. Cura para as doenças da alma e do corpo físico. Cura para a Covid-19 e o rastro de destruição que ela tem nos deixando. A alma e a mente estão adoecendo a cada dia por conta do egoísmo humano, da soberba dos poderosos, da falta de amor ao próximo. Cura para as angústias de um corpo crucificado em cada esquina, em cada casa que oprime o jovem que quer apenas amar, se entregar a uma vida livre de preconceitos e falso moralismo, que quer entregar seu corpo e seu amor àquele que é o seu par.

É em meio a tudo isso, que a ação espiritual, fora do que se acredita apenas como religião ou além de uma religião, tenta nos curar. A personagem flerta com o que é bom, com o que está na essência da vida, o amor. O socorro aos necessitados, aos injuriados, aos marginalizados, aos infames.

A concepção de espaço e figurino foi pensada na forma de remeter a prisões, cárceres, celas físicas ou emocionais, um campo de concentração onde se aprisionam o diferente, o que incomoda. Prisões que nós mesmos não reconhecemos, seja por estarmos diante de uma sociedade manipuladora e opressora, ou por simplesmente aceitarmos, como forma de defesa, por não termos força para lutar contra.

O espaço escuro com pouca iluminação era tomado pelos quatro corpos absortos em suas dores e crenças, fazendo de alguma forma ecoar um grito de socorro e esperança. O figurino foi pensando para remeter ao uniforme usado nos campos de concentração e outras prisões. A cena precisava falar pela visualidade e tocar o espectador de forma crua, sem floreios românticos. Era na exposição da carne que estava o grito de alerta de uma parcela da sociedade que dança com uma valsa fúnebre nas páginas policiais dos jornais impressos e eletrônicos.

- “O Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16h, aponta relatório” (SOBRINHO, 2019);

- “No Brasil se registra um caso de feminicídio a cada 7h” (CATRACA, 2020);
- “Assassinatos de negros aumentam 11,5% em dez anos e de não negros caem 12,9% no mesmo período, diz Atlas da Violência” (ACAYABA; ARCOVERDE, 2020);

A cena começou a ser desenhada de forma mais clara, a partir de cada ensaio, os números e as cenas de violência foram nos atingido de uma forma única para a criação de cada personagem. Eram nossos medos e anseios que ganhavam forma e iam tomando conta do espaço. Desde a preparação e aquecimento no início de cada ensaio, até a consumação para a filmagem e defesa do TCC. Tudo acabou de forma visceral. Onde os sentimentos afloraram e eram visíveis nos corpos em cena, na dor e nos espasmos sofrido por cada agressão.

A defesa se deu no dia 07 de outubro de 2020, com a presença da banca avaliadora. Encenamos a performance de forma visceral que, com toda certeza nos remeteu a sentimentos individuais e coletivos. A dor do meu irmão é a minha dor também, a dor do meu irmão tem que me causar vontade de lutar por nós dois. A dor no espetáculo está intrínseca na construção de cada personagem, está na alma de cada um deles. A luta deve deixar de ser individual, precisa ser coletiva, ainda mais em meio a desordem que nosso país atravessa.

Busquei nesse trabalho me reencontrar com a arte de atuar, de escrever, de me expor, de forma dificultosa no início, mas que foi desabrochando com o passar do tempo, e revelando parte de mim. Uma parte de mim que precisa se expor e atravessar o outro de maneira lúdica, espontânea. As expectativas devem sair do campo da imaginação e tomar conta do meu corpo de ator, encenador, professor de teatro e cidadão, devem rasgar e atravessar o corpo cotidiano e explodir numa ação benéfica para o processo criativo.

O corpo virgem de um adolescente recluso e amedrontado, violado por anos na culpa do pecado e da vergonha, assassinado a cada noite nas ruas das cidades do Brasil. O corpo que pedia apenas para ser respeitado. Nada que estava em cena fora colocado por acaso. Já não existia a pureza de criança e a aceitação de uma crença, existia um homem que estava disposto a gritar, pedir socorro a Deus, à Deusa. Aquele que nos move e nos protege. Seja por ser negro, por ser mulher ou por ser artista, por ser o SER.

Não tenho grandes referências para citar, cito a mim, a vida e a dor de muitos que padecem por conta do egoísmo e da falta de empatia. Ponho em cena a crise pandêmica que vivemos em 2020, as chagas do racismo que voltaram a eclodir de forma violenta nos últimos anos, a censura disseminada por um governo acéfalo e medíocre, que deu voz e corpo a milhões de brasileiros que sempre tiveram dentro de si o ranço pelo diferente, o ranço pelas “minorias”, o ranço pela vida que era livre, já que eles estão presos na hipocrisia, na falsa fé, no falso “messias”. Parece

que o povo brasileiro sempre viverá à espera do Salvador da Pátria. Mas que Pátria será salva? É essa a grande questão.

Não querem um país de pensantes, mas de alguém que pense por eles, que construa um futuro por eles. Não fazem um esforço de lutar contra o opressor, às vezes se aliam ao inimigo apenas para poder proteger-se, ou reforçam um discurso de ódio sem entender sua história. História construída por “negros, índios, imigrantes, putas, ladrões, degradados e infames”. Sempre existirá um soco querendo calar a verdade, mãos querendo cessar o grito de revolta, transformando-o em grito de dor.

Vivemos um redemoinho de dores e apedrejamentos, balas cravam o corpo negro, lâmpadas acertam rostos nas ruas; o julgamento e a ignorância aprisionam a arte. Tentam empurrar os “infames” de volta aos guetos, retirando-os da vista do conservadorismo em meio a manobras feitas por grupos políticos e religiosos de direita. Uma onda extremista que tomou força nas eleições de 2018.

As ações da cena corpos “infames” e “cicatrices” corroboram para a exposição dessas ações extremistas. Nos vestem com o corpo bombardeado, mas que ainda resiste e se une a outros corpos para unir forças e combater o bom combate. Que todos possam ser acalentados pelo que lhe faz bem, pela energia que rege sua vida de forma positiva, percebendo a dor do outro e desenvolvendo a empatia. Corpos que deixaram de ser “infames” resgatando uns aos outros por meio da arte. A entidade que circunda os corpos “infames” vai além do “religioso”, baseia-se no amor, na cura, na relação de troca e compreensão mútua. É a voz da mulher que apanha e é proibida de ser mulher livre e independente; do LGBTQUI+ agredido ou assassinado no campo ou na cidade apenas por fugir aos padrões heteronormativos; do negro que entra e sai de um local seguido ou sob o olhar de um segurança, apenas por ser negro; do artista que sofre as ações da censura e o escárnio de uma falsa moral.

Assim caminhamos diariamente em busca de uma vida melhor, de um lugar ao sol, do socorro celestial. Assim “os corpos infames” como em uma balada triste expõem um cenário de caos e preconceitos que atravessam séculos em um país como o nosso Brasil. Corpos que resistem, pois a morte é a única certeza que temos e um dia ela chegará, por isso continuar lutando se faz necessário.

Toda ação de “corpos infames” e “cicatrices” estão em mim, marcas de um corpo que conheço e desenvolvo em meio a histórias de vida. A ação do outro sobre esse corpo é que fazem os relatos se tornarem ritmo de protesto, de grito desesperado, de esforço para não se deixar subjugar. As sensações experimentadas por mim em cena foram desde o mais puro medo e revolta ao sentimento de limpeza corpórea, de entrega ao que me é de direito. A vida! Emoções

saltavam do meu corpo e mente como se acionadas por um gatilho diante de tudo que se passava em cena, compartilhado pelo público junto à troca de olhares regados de cumplicidade. Então “infames” somos todos nos marcados por cicatrizes, físicas e sociais. Marcados para toda a vida!

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. **Assassinatos de negros aumentam 11,5% em dez anos e de não negros caem 12,9% no mesmo período, diz Atlas da Violência**. 2020.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 02 mar 2021.

AGÊNCIA Brasil. **Assassinatos de travestis e trans é o maior em dez anos no Brasil**. 2018.

Disponível em: http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/assassinatos-de-travestis-e-trans-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil.html. Acesso em: 02 mar. 2021

AZEVEDO, Sônia Machado de. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BÍBLIA Sagrada Letra Grande. Tradução de João Ferreira de Almeida. Central Gospel: Rio de Janeiro, 2017.

BARREIRA, Gabriel; COELHO, Henrique. **'A gente ia morrer junto', diz mulher no enterro do músico fuzilado pelo Exército no Rio**: O carro da família de Evaldo dos Santos Rosa, de 51 anos, foi atingido por 80 tiros disparados pelos militares. Em audiência à tarde, juíza manteve presos 9 de 10 militares. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/10/carro-fuzilado-musico-e-enterrado-e-presos-sao-ouvidos-na-justica-militar-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CASTRO, Felipe Araújo. O brasileiro é, antes de tudo, um autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Mossoró – RN, v. 35, nº 103, p. 01-04, 2020.

CATRACA Livre. **Brasil registra um caso de feminicídio a cada 7 horas**: Os estados com a maior taxa de feminicídios são Acre e Alagoas: 2,5 a cada 100 mil. 2020. Disponível em:

<https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-7-horas/>. Acesso em: 02 mar 2021.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires Autobiográficos** - A Atualidade da Escrita de Si. São Paulo: Nau Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

G1 Profissão Repórter. **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa**. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

G1 Rio. **Entenda como foi a morte da menina Ágatha no Complexo do Alemão, segundo a família e a PM.** Criança estava voltando para casa de Kombi com a mãe quando foi baleada na Fazendinha. Moradores dizem que não havia confronto e policial efetuou o disparo. PM nega acusação. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghml>. Acesso em: 03 mar. 2021.

GONÇALVES, Eduardo. **‘Não aguentava mais ele’, afirma mãe que matou e queimou filho.** 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nao-aguentava-mais-ele-afirma-mae-que-matou-e-queimou-filho/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

HERMANSON, Marcos. **Relatório registra 420 vítimas fatais de discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018.** 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-de-discriminacao-contr-lgbts-no-brasil-em-2018/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

JUSTO, Gabriel. **Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo.** 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>. Acesso em: 28 fev. 2021.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose.** Tradução e organização Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009.

MADONA. Live to Tell. **True Blue.** Warner Records Inc., 1986.

MADONA. Like a Prayer. **Like a Prayer.** Sire Records Company., 1989.

NANCY, Jean-Luc. 58 indícios sobre o corpo. Tradução de Sérgio Alcides. **REV. UFMG,** Belo Horizonte, v.19, N. 1 e 2, p. 42-57, jan./dez. 2012. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistadaufmg/pdf/REVISTA_19_web_42-57.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

OLIVEIRA, Alan. **Primeira igreja evangélica LGBT em Salvador ganha sede após três anos de atuação na cidade: 'Deus ama todos', diz fundador.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/04/primeira-igreja-evangelica-lgbt-em-salvador-ganha-sede-apos-tres-anos-de-atuacao-na-cidade-deus-ama-todos-diz-fundador.ghml>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ONE OF US. Direção: Heidi Ewing, Rachel Grady. Produção de Heidi Ewing e Rachel Grady. EUA: Loki Films, 2017. Netflix (95 min.).

REDAÇÃO CUT São Paulo. **Brasil segue no topo dos países onde mais se mata LGBTs.** 2019. Disponível em: <https://sp.cut.org.br/noticias/brasil-segue-no-topo-dos-paises-onde-mais-se-mata-lgbts-4d85>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SOBRINHO, Wanderley Preite. **Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16h, aponta relatório.** 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ANEXO A – FOTOS DO ÚLTIMO DIA DE ENSAIO DA PERFORMANCE “CORPOS INFAMES”



